ALIANÇAS AFETUOSAS DE GAIA

Liz Hosken

cadernos
SELVAGEM

Alianças afetuosas de Gaia

Liz Hosken

Este caderno celebra a Conversa na Rede, Gaia Grita Gaia Vive*, entre Liz Hosken e Ailton Krenak. Seu texto foi publicado pela primeira vez em inglês, em 2019, na revista* The Ecological Citizen*.*

Os campos de próteas que me nutriram para que eu pudesse existir, nos arredores de Joanesburgo, na África do Sul, já não existem mais. A casa e os dez hectares de terras selvagens e agrícolas que eram o meu lar foram destruídos para abrir caminho para as fundações de concreto de um projeto de moradias geminadas "seguras". As raras árvores, bulbos, gramíneas e arbustos nativos, que meu pai havia meticulosamente procurado e cultivado ao longo de muitas décadas, juntamente com muitas outras espécies – minhocas, insetos, pássaros e outros pequenos animais –, também perderam seus lares, e os que não conseguiram escapar morreram. Esta dolorosa história de perda e destruição do lar, e a obliteração da memória da terra, é partilhada por milhões de seres humanos e por um número incontável de nossos parentes na teia da vida. As eras de colonização e globalização lançaram ondas de choque por todo o nosso planeta, deixando deslocamento e morte em seu rastro. Essas ondas continuam até hoje, e os últimos refúgios não são mais seguros.

A terra que era o meu lar tornou-se, ao longo dos anos, um refúgio para muitas espécies – incluindo humanos. Ativistas que precisavam se refugiar do regime do *apartheid* tornaram-se jardineiros ou guardiões dos animais na pequena fazenda, como forma de disfarce. Eles chamavam meu pai de "o homem pássaro", porque ele conhecia e amava os pássaros e suas personalidades muitas vezes excêntricas. Uma das minhas grandes alegrias era ir ao que chamamos de "mato", observar pássaros com ele e (às vezes) seus "amigos passarinhos". Eu gostava de estar com eles porque eles sabiam muito sobre pássaros e todos os outros seres vi-

vos – os animais, as árvores, os insetos e suas conexões intrincadas, que me fascinavam. E eles gostavam que eu me juntasse a eles porque eu sabia ser silenciosa e discreta, às vezes até segurando minha respiração de tanta ansiedade, o que significava que eu era rápida em avistar todos os tipos de pássaros e outras criaturas. Ao longo das trilhas e pelas terras selvagens, eu costumava ir à frente, pois achava que os adultos eram muito desajeitados e barulhentos. Eu adorava ficar um pouco distante deles e de suas conversas.

Essas experiências incutiram em mim um profundo sentimento pelo selvagem e pelo livre – como se alimentassem meu próprio anseio de ser selvagem e livre. Eu amava o fluxo de comunicação entre as espécies e o senso de comunidade – que era espontâneo e, ao mesmo tempo, organizado. Onde quer que fôssemos – fossem áreas ribeirinhas, pântanos ou reservas de caça na África Austral – havia aquela sensação de estarmos entrando em uma comunidade. Era como se tudo ali estivesse conversando entre si – quando nós, humanos, chegávamos, havia uma onda de preocupação, como se todos perguntassem: "esses aqui são do bem ou são perigosos?". Uma vez que isso era avaliado, parecia que todos voltavam às suas atividades, embora em certo estado de alerta, porque, com os seres humanos, nunca se sabe, eles podem mudar a qualquer momento.

Felizmente, meus pais estiveram envolvidos na criação da primeira Escola Rudolf Steiner em Joanesburgo, e eu fiz parte da primeira turma de crianças da creche. A abordagem de Steiner é fiel ao significado latino de *educare* – ela visa "extrair" a sabedoria inata das crianças. Os professores incentivam as crianças a seguirem seus interesses e inspirações, e os meus eram brincar livremente ao ar livre, na fazenda ou no mato.

Ofuscando esse maravilhoso mundo natural havia uma energia pesada e sombria das mentes e corações humanos obcecados por aqueles que tinham uma cor de pele diferente. As suposições de poder e hierarquia que estão por trás da crença de que humanos com pele mais clara eram superiores àqueles com pele mais escura foram aplicadas a todas as outras criaturas, inclusive à própria Terra. Como estamos testemunhando hoje, a combinação tóxica dessas crenças e a economia industrial de crescimento infinito legitimou o saque de nossa bela Terra. Durante os

"anos de luta" da resistência ao regime do *apartheid* na África do Sul, senti que aquele era um ensaio para uma luta muito maior – um microcosmo do que estava se desdobrando em todo o nosso planeta.

Tive a benção de crescer com pais que também estavam lutando contra a insanidade do pensamento dominante e seus sistemas. Minha mãe participava do The Black Sash, um movimento de mulheres que desafiava o regime do *apartheid* de várias formas, incluindo alinhar-se nas ruas vestidas de preto com o objetivo simbólico de testemunhar e lamentar o sistema imoral do *apartheid* (Black Sash, 2017 [2015]). Desde muito cedo, também fui apresentada aos clássicos do movimento ecológico – desde o arrepiante *Primavera silenciosa* (2010 [1962]), de Rachel Carson, até as críticas e propostas incisivas de Ivan Illich, como em *Sociedade sem escolas* (2018 [1971]) e muitos outros. Esses livros me ajudaram a sentir que havia um fluxo de pensamento para explorar e onde buscar consolo.

Quando eu tinha dezoito anos, sentia que conseguia ver o que precisava ser feito e acreditava que era apenas uma questão de tempo até que as coisas mudassem para melhor. Decidi criar um curso de estudos ambientais mais holístico do que o que era oferecido e, felizmente, a Universidade de Pietermaritzburg era pequena e flexível o suficiente para me acomodar. No entanto, fiquei desiludida ao descobrir que a metodologia de ensino estava impregnada do complexo de superioridade que sustenta o mundo industrial dominante. Eles realmente acreditavam que, ao dissecar um sapo ou uma sapa, você poderia conhecê-lo ou conhecê-la melhor? E eles realmente achavam que era aceitável abater vinte espécimes diariamente para que estudantes de zoologia cortassem seus corpos como se estivessem em um necrotério? Para mim, isso era uma barbaridade. Logo entendi que essa forma de pensar estava tão institucionalizada que algumas vozes isoladas não iriam mudá-la. Minha clareza ingênua dos dezoito anos desmoronou, e comecei a me confrontar com a questão de como os sistemas mudam.

A imediatez dos horrores das injustiças infligidas à maioria da população na África do Sul me levou a me envolver ainda mais profundamente na luta contra o *apartheid*. Mas, depois de alguns anos, tive que tomar uma decisão difícil e deixar minha terra natal. Foi uma experiência impactante, pois minhas raízes estavam profundamente ligadas ao solo

africano. No entanto, ao explorar a ilha conhecida como "Reino Unido", encontrei mais lugares selvagens do que esperava – as Ilhas Ocidentais, as Ilhas Scilly, a costa galesa –, e experimentei a beleza da expressão da Mãe Terra de uma maneira totalmente diferente.

Aqui, na costa do País de Gales, conheci um dos meus grandes professores, o golfinho Simo, antes de ele se tornar famoso entre os humanos e desaparecer. Durante alguns anos, peregrinei para encontrá-lo regularmente. Há tanta coisa que eu poderia compartilhar, mas o mais importante é simplesmente a experiência de estar com um ser com uma consciência muito maior que a minha. Eu sabia que Simo conseguia ler meu humor e o que eu estava pensando, assim como conseguia fazer com outros humanos. Ele se comportava de maneira diferente com cada pessoa que o encontrava e nadava com ele, dando-lhes "o remédio" de que precisavam. Tive momentos de profunda conexão e intimidade com ele, nos quais nos deitávamos juntos na água, enquanto ele me conduzia ao que, para mim, era um estado alterado de consciência. Para ele, era assim mesmo, do seu jeito. Houve outros momentos em que ele sentiu meu ego saindo do controle quando, orgulhosamente, o apresentei a amigos, e ele se aproximou e me jogou bem fundo na água com sua barbatana. Simo e outros professores animais me mostraram claramente que os humanos certamente não são a consciência da Terra, como alguns afirmam.

Também conheci alguns mentores humanos importantes na década de 1980, quando as pessoas se reuniam em todo o planeta para refletir sobre quatro décadas de "desenvolvimento" e sobre como as injustiças sociais e ecológicas agravavam-se. Foi nesses encontros que conheci mais daquilo que chamo de "minha família espiritual". Wangari Maathai, do Quênia, tornou-se uma irmã próxima; José "Lutz" Lutzenberger, mais tarde reconhecido como o pai do movimento ambientalista brasileiro, foi um mentor muito importante para mim; Joanna Macy, que conecta muitos mundos de maneiras poderosas, práticas e transformadoras do coração e da mente; Jules Cashford, que reúne a sabedoria perene de várias culturas; Ed Posey, outro conector de pessoas e lugares, que mais tarde criou a Gaia Foundation comigo e outros. Por meio de Lutz, como era carinhosamente conhecido, a

primeira fase da Gaia Foundation se desenrolou na Floresta Amazônica com comunidades indígenas. Isso estabeleceu as bases para o meu próprio caminho e para o da fundação dali para frente.

No Brasil, conheci Ailton Krenak, um líder indígena ferozmente franco que me apresentou a muitas tradições indígenas e suas profundas relações com a terra onde nasceram e com as forças que animam a vida. Ele falou poeticamente sobre a memória que os povos indígenas guardam de como os humanos precisam participar conscientemente da teia da vida, para viver de acordo com as leis da Mãe Terra. Ele enfatizou a importância de construir "alianças afetuosas" entre os povos indígenas e outros povos do mundo dominante que se preocupam com a condição crítica da vida em nosso planeta. Ouvir isso foi como um retorno ao lar para mim. Deu-me esperança de que essa memória de quem somos – seres terráqueos, entre outros – pudesse ser revivida, mesmo nas culturas europeias. Afinal, foram eles que outrora conheceram a Mãe Terra como Gaia, a "fundação de toda a vida" (Hymn XXX to Gaia, mother of all, 2003)[1].

Ailton também me apresentou à comunidade indígena Ashaninka, no Acre, noroeste da Amazônia brasileira, que me convidou para participar de suas cerimônias regulares de Ayahuasca, onde conheci o mundo das plantas mestras pela primeira vez. Essa também foi uma experiência de conexão com a consciência que permeia a vida, o lugar para onde Simo me levou. Que planeta incrível, onde esses extraordinários parentes vegetais e animais têm tanta sabedoria para compartilhar conosco, se estivermos abertos a isso! Eu desejava encontrar uma maneira de fazer com que mais seres humanos tivessem essa experiência – de obter uma perspectiva sobre nós mesmos e nosso lugar neste belo universo.

Em seguida, meu lugar de aprendizado foi com os povos indígenas da Amazônia colombiana, que estavam em uma jornada para reviver seus conhecimentos e tradições, que haviam sido devastados por comerciantes e missionários ao longo de décadas. Tive o privilégio de acom-

---

1. Poema pertencente à coletânea de 33 hinos, em língua grega antiga, de autoria anônima, mas atribuídos a Homero, dedicados às divindades do Olimpo. Na edição referida pela autora, os poemas foram traduzidos para o inglês por Jules Cashford. Para uma tradução ao português pode-se consultar: HINO 30 a Gaia, a mãe de tudo. *In*: RIBEIRO JR., Wilson Alves *et. al.* (ed.). **Hinos homéricos**: tradução, notas e estudo. SP: Editora Unesp, 2010. (N.T.)

panhá-los, juntamente com o etnólogo colombiano Martin Hildebrand, durante alguns anos. A prioridade deles era reviver os rituais necessários em seus locais naturais sagrados, para se reconectarem com esses lugares e com as energias da floresta. Eles enfatizaram a urgência de proteger em todo o nosso planeta esses espaços, que são como uma rede de pontos de acupuntura, desempenhando um papel vital na manutenção da saúde e da integridade da Terra. Isso abriu um mundo totalmente novo para mim – outra dimensão da forma como a matéria e o espírito interagem. Após décadas de trabalho árduo, eles conquistaram o reconhecimento legal da governança indígena de uma área de floresta tropical maior do que o Reino Unido, enraizada em sua liderança espiritual tradicional e afirmando a continuidade de seu caminho ancestral (Sánchez, 2018). Essa jornada me mostrou que é possível que culturas centradas na Terra revivam e sustentem seus modos de vida, e inspirem a transformação que é necessária para todos os seres humanos agora.

Foi nessa época, no início dos anos 2000, que tive a sorte de conviver com outro importante mentor, o historiador cultural Thomas Berry. Ele falava e escrevia com a sabedoria de um ancião, anunciando o inevitável declínio do sistema de crescimento industrial e a necessidade vital de mudar da visão dominante, centrada no ser humano, para uma compreensão de quem somos centrada na Terra. Ele clamava por uma mudança radical na concepção industrial do direito, rumo a uma jurisprudência da Terra, reconhecendo as leis da Terra como o "Texto Primário" (Berry, 1999; Bell, 2003; Cullinan, 2003). Os povos indígenas, disse Berry, são uma inspiração para isso, pois derivam conscientemente suas leis consuetudinárias das leis da natureza. Isso, é claro, ressoou com minha própria experiência e acrescentou uma dimensão importante ao desafiar todas as instituições da economia de crescimento dominante, a fim de transformá-las e restaurar uma relação mutuamente enriquecedora com nossa Mãe Terra.

Neste ponto, por várias razões, meu foco retornou à África e, nas últimas duas décadas, tenho me envolvido em uma exploração contínua de maneiras de evocar a consciência centrada na Terra por meio do resgate do conhecimento e das práticas indígenas africanas. Juntamente com aliados, nós, da Gaia Foundation, desenvolvemos uma série de pro-

cessos de aprendizagem experiencial, incluindo um treinamento de três anos para profissionais da jurisprudência da Terra. Aprendendo com os costumes indígenas, as práticas centrais que incentivamos incluem: fortalecer nosso relacionamento com a comunidade ampliada da Terra; fortalecer nosso relacionamento com os ancestrais ou com o domínio espiritual; retornar às raízes aprendendo com os anciãos conhecedores; e acompanhar comunidades em um caminho de resgate, inspirado pelos amazônicos colombianos, e conectar-se a outros movimentos sociais.

O que me dá esperança, apesar das notícias diárias sobre o contínuo deslocamento e destruição da biosfera e a velocidade do "grande desmoronamento" da vida (Macy, 1998), é a alegria e a libertação que irradiam daqueles que se lembraram e se reconectaram com quem realmente somos – criaturas terráqueas inextricavelmente nascidas e sustentadas pela teia da vida. E o que aprendi até agora é que esse caminho de nos tornarmos pessoas ecocêntricas é a jornada de uma vida para nos tornarmos seres humanos. Assim como uma semente, nascemos com todo o potencial, mas as condições em que a semente cresce influenciarão sua expressão.

Liz com mulheres fazendeiras da Uganda Ocidental. Foto: The Gaia Foundation

Referências

BELL, Mike. Thomas Berry and an Earth jurisprudence: an exploratory essay. **The Trumpeter**, v. 19, n. 1, p. 69-96, 2003. Disponível em: https://www.pratec.org/wpress/pdfs-pratec/Thomas-Berry-and-an-Earth-Jurisprudence.pdf. Acesso em: 09 out. 2025.

BERRY, Thomas. **The great work**: our way into the future. New York: Harmony / Bell Tower, 1998.

BLACK SASH. Our history. **Black Sash**: making human rights real. Our legacy, 2025. Disponível em: https://www.blacksash.org.za/our-history/. Acesso em: 09 out. 2025.

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins. SP: Gaia, 2010.

CULLINAN, Cormac. **Wild law**: a manifesto for Earth justice. Totnes, UK: Green Books, 2003.

HINO 30 a Gaia, a mãe de tudo. *In*: RIBEIRO JR., Wilson Alves *et. al.* (ed.). **Hinos homéricos**: tradução, notas e estudo. SP: Editora Unesp, 2010.

HYMN XXX to Gaia, mother of all. *In*: CASHFORD, Jules; RICHARDSON, Nicholas (ed.). **The homeric hymns**. London, UK: Penguin, 2003.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. RJ: Vozes, 2018.

MACY, Joanna; BROWN, Molly Young. **Comming back to life**: practices to reconnect our lives, our world. Gabriola Island, Canada: 1998.

SÁNCHEZ A., Nicolás. The decree that recognizes Indigenous governance of the Colombian Amazon. **The Gaia Foundation**. Disponível em: https://gaiafoundation.org/the-decree-that-recognizes-indigenous-governance-over-the-colombian-amazon/. Acesso em: 09 out. 2025. Artigo originalmente publicado em espanhol em: SÁNCHEZ A., Nicolás. El decreto que les reconoce a los indígenas la gobernanza sobre la Amazonia. **El espectador**, 25 de maio de 2018. Disponível em: https://www.elespectador.com/colombia-20/paz-y-memoria/el-decreto-que-les-reconoce-a-los-indigenas-la-gobernanza-sobre-la-amazonia-article/. Acesso em: 09 out. 2025.

Fotos (capa e página 8)
JPrado

Liz Hosken

Liz Hosken é cofundadora da Gaia Foundation, que foi inspirada especialmente por José Lutzenberger, Ailton Krenak, Chico Mendes e pela comunidade Ashaninka do rio Amônia, no Acre, Brasil, desde sua criação na década de 1980. Enraizada na construção de uma aliança afetuosa com o Movimento dos Povos da Floresta no Brasil, Gaia também começou a acompanhar comunidades indígenas e tradicionais na Amazônia colombiana e, posteriormente, na África. Ao longo de todas essas décadas, o aprendizado de Liz nos primeiros anos continua a inspirar seu compromisso em nutrir alianças afetuosas com as comunidades e seus parceiros na longa jornada de revitalização de sua diversidade biocultural, proteção de suas terras sagradas e construção de resiliência para lidar com ameaças crescentes. Para Liz, o presente deste caminho é que ele restaura nossa memória como participantes da teia sagrada da vida, que anima nosso lar vivo na Terra, Gaia.

Tradução

Renata Cidrack

Arquiteta, desenhista, fazedora de filmes, fotógrafa e tradutora brasileira. Pesquisa a memória dos lugares e trabalha com a documentação da memória ancestral de comunidades. Escreve, desenha e cria visualidades à luz da inspiração da grande Mãe Natureza.

Revisão

Mary Hatakeyama

Mãe, aprendiz de plantas e de crianças, professora na educação básica pública, tradutora. De São Paulo, Brasil. Desde 2022 participa da Comunidade Selvagem, colaborando nos grupos de tradução de textos ao espanhol e ao inglês, onde lê, traduz e revisa textos de maneira coletiva e artesanal.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A direção editorial é de Anna Dantes, a coordenação é de Alice Faria. A diagramação é de Tania Grillo. A coordenação da tradução do inglês para o português foi de Marina Matheus. Mais informações em selvagemciclo.org.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas. Saiba mais aqui: selvagemciclo.org.br/apoie

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2025